Informativo da Sociedade Canoa de Tolda e do Baixo São Francisco

Ano 4/no. 4 - R$1,00
Set/Out de 2009

A MARGEM

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA PARA ESCOLAS PÚBLICAS E ASSOCIAÇÕES

cultura do rio especial:

REMOS X PANOS: AS SERGIPANAS VENCERAM

Conversa com Zanoni Neves, sobre como as canoas de tolda, levadas para o rio de cima, pags.6 e 7
mudaram a navegação no Médio São Francisco.

Desmatamento também tem a ver com saúde pública
pag.3

Mais um cartaz da coleção embarcações tradicionais: a «Paladina»
pags. 4 e 5

Foto: Carlos Eduardo Ribeiro Jr.

...»os grandola acha que nóis aqui da marge é besta...qui num vê as coisa...o presidente, mais uma ruma de gente encangada num panavueiro da peste nim obra de transposição...gordo, numa alegria de fazê gosto, deve ter comida de botá fora pra tanta gente de bocona...e o rio aqui, o verão já se apontando, sem água nova... tira foto não qui num me agrada essas coisa...foto é pro poderoso...qui gosta de aparecê pros tolo, qui aina bota na parede...ano que vem ramo tê di votá»... Nêgo Ziu de Otília Beata

Prosa com vosmecê

A cada edição o A Margem chega a um número maior de povoados, o que nos dá uma grande satisfação. Como vocês acompanham, pela história em quadrinhos, atrás de cada página deste jornal, há um número considerável de acontecimentos. E, a cada vez, a procura tem aumentado, todos perguntando quando sai o próximo. Sim, o jornal vem sendo utilizado por estudantes e professores como fonte de informação. É muito bom, isso, sendo que nos passa uma grande responsabilidade de manter o mesmo padrão de qualidade de informação - fontes seguras, artigos que possam interessar ao maior número de pessoas, de todas as idades - e do jornal em si: além de informar, o A Margem procura ser bom de ser lido.

O que também nos alegra é ver, espalhadas nos povoados e cidades do Baixo, em casas, escolas, bodegas, as fotos das canoas nas paredes, coladas, montadas em quadros: é sinal de que o povo está apreciando. E olha que tem gente da região, que mora longe, que nos pede que enviemos o A Margem. É uma forma de cada um ficar, olha aí, ainda ligado ao seu lugar, esse nosso lugar, que é ainda tão bom, e tão necessitado de que nos interessemos por ele.

São exemplos que nos dão mais energia, motivos fortes, para manter a nossa animação na peleja de fazer este jornal.

O cartaz

Num final de tarde, maio de 1997, subindo para o sertão, a Paladina no porto de Propriá. Na época, junto com a Luzitânia, uma das duas últimas canoas de tolda em atividade no baixo. A Paladina, já em final de carreira, bem modificada, com uma tolda «quadrada», fazia a linha entre o Bonsucesso, no Poço Redondo, e Propriá, trazendo carvão. O piloto era Seu Enoque. A Paladina pertenceu ao famoso Eduardo Tamborim, de Propriá, foi uma das mais bonitas da margem. Afundou no porto do Bonsucesso em 2000, onde ainda hoje divulga-se parte de seu cavername.

A capa

É uma composição com uma raríssima foto de barca de figura (1939), cedida pelo colega Zanoni Neves, e de autoria de seu pai, Comandante Joaquim Borges das Neves. A foto da canoa tolda é de Paulo Paes de Andrade, durante o documentário De Barra a Barra/DOCTV IV em outubro de 2008, próximo às pedras.

Expediente

COORDENAÇÃO PROJETO JORNAL A MARGEM
Carlos Eduardo Ribeiro Junior
REDAÇÃO E REVISÃO: Carlos Eduardo Ribeiro Junior, Paulo Paes de Andrade
CONCEPÇÃO GRÁFICA: Canoa de Tolda
CORRESPONDENTES: Antonio Felix Neto; Danieire F. de Medeiros
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Zanoni Neves
APOIO DE SEDE: Daiane Fausto dos Santos
LOGÍSTICA/DISTRIBUIÇÃO: Daiane Fausto dos Santos/Vagner Augusto Santos de Lima
IMPRESSÃO: Inforgraph - Gráfica e Editora
TIRAGEM: 3.500 exemplares

LEI DE INCENTIVO A CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

O informativo A Margem é uma iniciativa da Sociedade Canoa de Tolda. Cartas, sugestões, contribuições de interesse das questões do São Francisco são bem vindas - podendo ou não ter publicação integral. A reprodução de textos e imagens é permitida e incentivada, desde que sejam citados a fonte e o autor. Artigos com autoria não exprimem necessariamente a posição da editoria, da entidade ou do Projeto A Margem.

Canoa de Tolda - Sociedade Socioambiental do Baixo São Francisco
CNPJ 02.597.836/0001-40
Sede - R. Jackson Figueiredo, 09 - Mercado - 49995-000 Brejo Grande SE
Tel/Fax (79) 3366 1246
Alagoas - R. Mestre Francelino, 255 - Centro - 57210-000 Piaçabuçu AL
Tel (82) 3552 1570
End. eletrônico **canoadetolda@canoadetolda.org.br** e **ygara@ygara.arq.br**
Internet **www.canoadetolda.org.br**

UM PROJETO
CANOA DE TOLDA
SOCIEDADE SOCIO AMBIENTAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO

APOIO CULTURAL NA IMPRESSÃO
Gráfica & Editora Inforgraph

APOIO LOGÍSTICO NA DISTRIBUIÇÃO
CODEVASF 5a. SR/AL

Papel 100% Reciclado

FARÓIS

Imagem: Divulgação CBHSF

A 1a. Semana das Águas do São Francisco foi lançada em Penedo no dia 3 de outubro, com uma manifestação às margens do rio. O evento passa a fazer parte das programações oficiais do CBHSF - Comitê da Bacia Hidrográfica do São Francisco, através de sua Câmara Consultiva Regional do Baixo São Francisco.

Nesta primeira edição, ainda na noite do domingo, ocorreu uma cerimônia no belo **Theatro Sete de Setembro**, para a entrega de homenagens a uma seleção de 12 entidades e pessoas que se destacaram nos últimos anos pela defesa do rio São Francisco. Na manhã da segunda feira, dia 4, e sempre no Sete de Setembro, foi realizado o Primeiro Fórum das Águas do São Francisco onde, através de mesas redondas, foram debatidos dois temas principais: a Revitalização do São Francisco e a Questão das Baixas Vazões do Rio e seus graves efeitos em todo o Baixo São Francisco. Diversas intervenções de pessoas aqui do Baixo e presentes ao encontro deixaram claros os descontentamentos com a ausência de ações da tão proseada Revitalização em nossa região. Ações estas que devem ser voltadas diretamente para a qualidade e quantidade das águas do São Francisco e suas margens. As obras de saneamento básico do PAC do Governo Federal não podem, em momento algum, ser consideradas como projetos vinculados à Revitalização do São Francisco, como os ministérios insistem. Saneamento trata-se de uma obrigação do estado.

Já o problema da pouca quantidade de água que hoje verificamos na calha do rio (além da completa inversão de seu ciclo natural: quando devemos ter cheias, o rio está seco e, na época da baixa, temos aumento de vazão) foi mais polêmico, pois é clara a visão do Governo Federal (através de seus órgãos/entidades como o ONS - Operador Nacional do Sistema, a ANA - Agencia Nacional de Águas, a CHESF e outros) de priorizar o uso das águas do São Francisco para a geração de energia elétrica. As apresentações por representantes de alguns desses órgãos deixam bem claro isso, o que não é novidade para as pessoas aqui na região.

Imagem: Divulgação Empreendedores Irapé

A usina Hidrelétrica de Irapé é a maior obra realizada no Vale do Jequitinhonha em todos os tempos. Fruto de uma parceria entre o Governo de Minas Gerais, a CEMIG e o Consórcio Construtor, liderado pela Andrade Gutierrez, ela acaba de se tornar a primeira obra pública brasileira a conquistar o Prêmio Internacional Puente de Alcântara, na Espanha, em reconhecimento aos benefícios sociais proporcionados à região. Localizada entre os municípios mineiros de Grão Mogol e Berilo, e considerada um exemplo de respeito ao meio ambiente, a hidrelétrica é uma obra extraordinária, que conta inclusive com uma barragem de 208 metros de altura, a mais alta já construída no Brasil. Com potência de 360MW, ela é capaz de gerar energia suficiente para atender a 1 milhão de pessoas.
Mas isso não é tudo. Além de já ter gerado mais de 5 mil empregos, a obra atraiu investimentos para a região, incentivou a criação de novos negócios, movimentou a prestação de serviços, motivou uma considerável melhoria na infraestrutura e trouxe novas opções de turismo e lazer para a população. Sem falar no maior controle das águas do rio, que vai garantir o

Quando o Baixo São Francisco está assombrado com a possibilidade da construção da barragem de Pão de Açúcar, exemplos de outras bandas do país devem ser divulgados para que as populações da margem possam pensar, muito, sobre o que envolve um projeto desta ordem, e o que de fato desejamos para o futuro de nosso lugar. Pois.

Temos aqui uma publicidade impressa elogiando todas as grandes qualidades da Usina de Irapé, no rio Jequitinhonha, em Minas Gerais.

O Jequitinhonha pode ser considerado um exemplo de inúmeros, grandes, graves e irreversíveis efeitos socioambientais de políticas públicas e planejamento completamente equivocados para uma determinada região. É claro que se trata de uma história longa, que começou há muitos e muitos anos atrás. Deve, porém, ser visto como uma possibilidade nada positiva do que ainda pode vir a acontecer aqui no Baixo São Francisco. É algo que pode ser evitado, ainda, com a população ribeirinha assumindo a responsabilidade, de maneira definitiva e séria, de exigir e ocupar o seu espaço na gestão do uso da água e dos espaços vizinhos ao São Francisco, de maneira compartilhada e democrática.

Veja os sítios para melhor reflexão e, entre em contato com seus comentários:
www.ufmg.br/online/arquivos/013048.shtml ; www.diariodojequi.com.br ; www.almg.gov.br; www.ibge.gov.br e www.irape.com.br

Bicho sem mato, se arrancha nas casas do povo...

Como o desmatamento, além de um problema ambiental também é uma questão de saúde pública. Saiba um pouco mais.

Artigo de
LUIZA MUZZI e THAIS MARINHO / REVISTA MANUELZÃO - Maio 2008

Textos Complementares
CANOA DE TOLDA

Frequentemente temos notícias nas televisões, rádios e jornais, fora as conversas com conhecidos, sobre as sérias consequências provocadas pelo desmantamento. A retirada da mata nativa gera tanto efeitos locais quanto globais, incluindo a degradação do solo, dos recursos hídricos, a ameaça à biodiversidade e promove mudanças climáticas. Porém, pouco se fala da relação entre desmatamento e saúde humana. Mas, o que ocorre, de fato?

Várias doenças transmissíveis, infecciosas e parasitárias são relacionadas ao desmatamento, como a malária, a ***leishmaniose*** (o conhecido calazar) e a febre amarela. A retirada da mata local interfere no ciclo de vida dos ***vetores***, aqueles que transmitem as doenças (como alguns mosquitos e barbeiros). Antes de uma área ser derrubada, eles têm suas fontes de alimento e o espaço onde vivem bem definidos. Mas, quando a cobertura vegetal é eliminada, os vetores são expulsos de seu local natural, e se instalam nos povoados e cidades em busca de alimento. O novo alvo é o ser humano. Segundo o médico e especialista em parasitologia da Fundação Oswaldo Cruz, Ulisses Confalonieri, «os mosquitos começam a se adaptar ao ambiente construído pelo homem. Eles dispensam a flora e mantêm os parasitas circulando entre cães, gatos, outros animais domésticos e na população humana». Para Ulisses, o quadro é bastante grave: em 2007, foram 35 mil casos de malária só em Manaus.

Um bom exemplo de como os mosquitos podem adaptar seu ciclo de vida ao novo ambiente é o caso da febre amarela. Existe na floresta amazônica um tipo de macaco que vive no topo das árvores, juntamente com o vetor transmissor da doença. Quando o homem elimina a vegetação, o macaco foge para outra região e o mosquito, sem o alimento, se desloca para áreas de ocupação humana, onde procura adaptar-se, completando o ciclo de transmissão.

As doenças influenciadas pela retirada de árvores são mais comuns em áreas de desmatamento em grande escala, como na Amazônia, e mais especificamente em comunidades muito próximas a estas matas. Tais áreas são a ligação entre o ambiente natural e o ambiente modificado pelo homem, o que facilita que os mosquitos saiam do seu meio natural a atinjam outras populações. A partir de então, as doenças podem afetar outras regiões ou mesmo cidades mais urbanizadas. O sudeste brasileiro por exemplo, apesar de ser pouco florestado atualmente, pode sofrer surtos dessas doenças pelo fluxo de pessoas de uma região para outra. Uma pessoa que tenha contraído febre amarela na Amazônia, ao chegar ao sudeste, pode infectar os vetores desta área e provocar, assim, outros casos da doença ou até mesmo uma epidemia.

Outro fator que influencia o surgimento e a propagação de doenças transmissíveis, infecciosas e parasitárias é a condição sócio-econômica da população. Segundo o vice-diretor do instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA, Wanderli Tadei, «o mosquito está na zona de contato entre a mata e as cidades e, geralmente, é ali que as pessoas de baixa renda acabam se instalando para morar». A construção das casas dessas pessoas normalmente ocorre nesta zona de contato devido ao baixo preço dos terrenos. Construídas sem condições de proteção adequadas, as residências costumam ser de taipa, sem telas nas janelas que as protejam dos mosquitos. A população fica, assim, mais exposta às doenças. Além disso, as condições de higiene muitas vezes são precárias e faltam informações sobre como prevenir a enfermidade e cuidar dos infectados. Segundo Ulisses Confalonieri, «as comunidades, em geral, não possuem informações ou, se têm, não possuem recursos para acessar os meios de proteção. Às vezes, não é porque não queiram, mas porque culturalmente não aceitam essas precauções».

As medidas de prevenção variam de doença para doença. A prevenção de febre amarela, por exemplo, é a vacina. Mas, geralmente, as medidas de controle objetivam evitar o contato homem-vetor. Ainda de acordo com Ulisses Confalonieri, «colocar o mosquiteiro; evitar sair para o ambiente externo nos horários em que o mosquito é mais ativo; evitar se expor em locais onde o mosquito põe os ovos» são medidas que podem ser tomadas para evitar as doenças.

Queimadas e danos respiratórios

Foto: www.advogadosempenambuco.files.wordpress.com

Apesar das doenças transmitidas por vetores serem as mais comuns em relação ao desmatamento, é bom lembrar também das queimadas e doenças respiratórias. «Infelizmente, estamos num estágio em que, no Brasil, as queimadas ainda são a tecnologia que as pessoas têm para limpar a floresta», diz a assessora do MMA - Ministério do Meio Ambiente, Fernanda Carvalho. O coodenador geral de Vigilância Ambiental e Saúde da Secretaria de Vigilância e Saúde do Ministério da Saúde, Fernando Carneiro, explica que o desmatamento e as queimadas trazem consequências para o equilíbrio do próprio ecossistema e, por conseguinte, para a saúde da população que vive nas áreas afetadas. «As queimadas podem agravar problemas respiratórios, como infecções agudas, na população mais vulnerável, que são as crianças e os idosos», afirma. Entretanto vale notar que nem todo problema respiratório está relacionado à queima de biomassa (matéria viva existente num ecossistema). Há também outras causas para estas doenças, como a urbanização, a queima de combustíveis fósseis e de lixo.

Em relação às queimadas, Fernando Carvalho ressalta a necessidade de buscar uma aproximação direta entre os setores ambiental e da saúde, principalmente na fiscalização, no controle e no monitoramento dessa prática. Segundo o coordenador, «a criação de indicadores socioambientais eficientes possibilita uma melhor tomada de decisão nas questões de saúde pública».

Pois. Na região da Zona da Mata do Baixo São Francisco, ainda hoje, a colheita da cana é precedida de enormes queimadas. Cidades ribeirinhas de Piaçabuçu a Propriá ficam completamente invadidas pelas cinzas e demais efeitos nocivos das queimadas nos canaviais. No estado de São Paulo, a Justiça proibiu a queima da palha da cana.

No Baixo São Francisco, desmatamento é rotina tranquila

Na região do semi-árido, do alto sertão do Baixo São Francisco o avanço da derrubada de matas nativas é dramático. Com acesso a fotos de satélite da região, vemos claramente a redução acelerada do que resta de matas. Mesmo projetos governamentais, como o «Palma para Sergipe», incentivam a substituição da caatinga pelo plantio da palma forrageira. Seria motivo de aplausos ou de mais apreensão quanto ao futuro que se prepara?

É comum ouvirmos a alegação de que as áreas beneficiadas já estão degradas. Muito raramente o(s) responsável(veis) são obrigados a recuperar o estrago. E assim, a desertificação do sertão vai, a cada dia, tornando-se uma condição definitiva. Tal quadro também tem a ver, além da ausência de fiscalização e aplicação das leis ambientais, com o desinteresse dos municípios, estados e governo federal com a questão ambiental. Com tamanha indiefernça, ao longo de todo o Baixo, e isto vale para as margens alagoana e sergipana, a situação de degradação é pois, o quadro mais comum, que há anos vem se agravando.

Haja mata para tanta lenha

Foto: Arquivo Carlos Eduardo Ribeiro/Canoa de Tolda

Quando o presidente do Brasil anuncia que não está havendo desmatamento de mata ciliar no Baixo São Francisco, demonstra, lamentavelmente, que nada conhece de nossa região. Basta vermos a foto do fundo desta página, no Povoado Oiteiro, em Gararu, SE. Fica a beira da rodovia que vai dar no Porto da Folha, lugar de fácil acesso, fácil ficalização. Não sobrou grande coisa. Do lado de lá do rio, a coisa é semelhante.

Na região da foz, temos uma situação ainda mais alarmante, com as áreas de manguezais perdendo espaço para os viveiros de camarão e rasgadas por zonas de passagem de oleodutos da exploração de petróleo.

CANOA DE TOLDA

SOCIEDADE SOCIO AMBIENTAL DO RIO SÃO FRANCISCO

Foto: Carlos Eduardo Ribeiro © Canoa de Tolda/2009

"PALADINA"

canoa de tolda de 400 sacos

Dos remos aos traquetes: as sergipanas subiram

Uma conversa com Zanoni Neves, filho de vapozeiro do rio de cima, que sabe da história

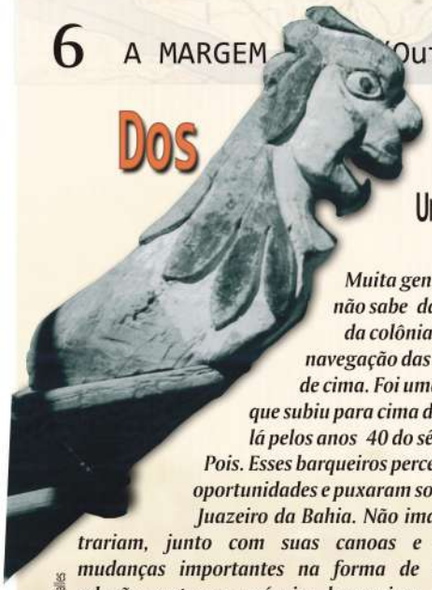

Imagem: Fragmento de foto de Marc Gauthenot - Instituto Moreira Salles

Muita gente da margem não sabe da importância da colônia sergipana na navegação das bandas do rio de cima. Foi uma leva de povo que subiu para cima das cachoeiras lá pelos anos 40 do século passado. Pois. Esses barqueiros perceberam novas oportunidades e puxaram sobretudo para Juazeiro da Bahia. Não imaginavam que trariam, junto com suas canoas e experiências, mudanças importantes na forma de navegar, nas relações entre os próprios barqueiros, e mesmo no comércio do Médio São Francisco.

Para nos contar melhor esta história tão interessante, e ainda muito desconhecida pelo povo do Baixo, conversamos com o Zanoni Neves, de Pirapora, Minas Gerais, lá perto das cabeceiras. O Zanoni é hoje um dos grandes estudiosos da navegação tradicional do Médio São Francisco, dando uma importante contribuição para a valorização da história das pessoas deste rio. Vamos lá.

«Pertenci (e posso dizer que ainda pertenço) à grande família dos fluviários do Médio São Francisco. Meu avô, Antônio Joaquim d'Almeida Roque, foi maquinista dos vapores pertencentes ao Coronel Quintino Vargas, de Paracatu (MG). Posteriormente, o velho Roque – como era conhecido - mudou-se para Pirapora (MG) onde foi contratado pela NAVEGAÇÃO MINEIRA DO RIO SÃO FRANCISCO, empresa pertencente ao Estado de Minas Gerais. Nascido em Pilão Arcado, na Bahia, meu pai - Joaquim Borges das Neves - foi taifeiro, comissário e capitão fluvial nesta mesma empresa e na COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO DO SÃO FRANCISCO. No Bairro Santo Antônio, onde sempre morei em Pirapora, havia um grande número de fluviários com suas famílias. Nesse meio, vim ao mundo e cresci em contato com crianças e jovens da minha idade e de mesma extração social. Dentre os brinquedos que utilizávamos, me lembro dos vaporzinhos de buriti, das canoinhas de madeira etc. Essa convivência familiar e social determinou meu interesse pela navegação tradicional do Médio São Francisco».

«Não tenho informações precisas do ano em que chegaram os primeiros sergipanos no curso médio do rio. Segundo Seu Ermi Ferrari Magalhães, o pioneiro, ou seja, quem introduziu de fato as canoas de tolda no Médio São Francisco, foi o Sr. Manoel Vieira da Rocha, que chegou a Juazeiro na primeira metade dos anos 1940 com a canoa de nome "Sergipana", que foi construída em Santa Maria da Vitória. Entre os barqueiros do Rio de Cima, houve inicialmente uma descrença geral de que tal empreendimento daria certo, pois temia-se que as corredeiras e pedras isoladas em Sobradinho - ainda não havia a barragem e o lago - e em outros trechos provocassem colisões, naufrágios etc. As embarcações sergipanas eram mais ágeis e velozes do que as barcas de figura. Daí, o temor dos barqueiros do Médio São Francisco. Mas, para surpresa de todos, as canoas de tolda (que passaram a ser conhecidas como "canoas sergipanas") adaptaram-se muito bem».

«Em seguida, outros canoeiros de Sergipe deixaram o Rio de Baixo, estabelecendo-se na região do Rio de Cima, inclusive nos afluentes. O Sr. Fernando Santana, por exemplo, fixou residência em Santa Maria da Vitória, no rio Corrente. As informações que obtive, através de entrevistas em Juazeiro, indicam que os sergipanos chegaram em busca de oportunidades comerciais conforme o Sr. Ermi Ferrari Magalhães, que trabalhou com o Sr. Rocha. Foi em Juazeiro o principal núcleo da colônia sergipana na região. A concorrência, a decadência da navegação no Rio de Baixo, seu pequeno trecho navegável devem ter contribuído para a emigração dos canoeiros provenientes do Estado de Sergipe».

«A tradição sergipana de navegação provocou uma verdadeira revolução no Médio São Francisco. A tecnologia de navegação que utilizava os "dois traquetes e a bolina" era totalmente desconhecida. As antigas barcas de figura usavam velas latinas quando havia vento favorável. Se não houvesse vento para enfuná-las, os remeiros utilizavam os "varejões" ou "varas ferradas" nas viagens rio acima e as "vogas" (grandes remos) nas viagens rio abaixo. Com a introdução dos dois traquetes, tornou-se possível navegar "com vento atravessado" conforme diziam os barqueiros e remeiros. Vale lembrar um exemplo: uma canoa de tolda fazia uma viagem de Santa Maria da Vitória a Juazeiro em dez dias, ao passo que a mesma viagem numa barca de figura durava vinte dias ou mais. A canoa de tolda também possibilitava economia para os barqueiros em suas despesas com salários do pessoal embarcado: mestre, remeiros, cozinheira».

Imagem do fundo: via Fernando Baio, arquivo pessoal

Foto: Arquivo Zanoni Neves

Zanoni Neves, filho do vapozeiro Joaquim Moreno Neves, estudou Ciências Sociais na UFMG-Universidade Federal de Minas Geraes, onde também foi professor, coordenando o Curso de Especialização em Cultura Popular do Centro Universitário Newton Paiva. Publicou os livros *A Barca Aurora* (Mazza Editora, 1991); *Navegantes da Integração – Os Remeiros do São Francisco* (Editora UFMG, 1998, Coleção Humanitas); os *Remeiros do São Francisco* (Editora Saraiva, 2004, Coleção "Que história é essa?") e, mais recentemente, *Na Carreira do Rio São Francisco – Trabalho e Sociabilidade dos Vapozeiros* (Editora Itatiaia, 2006). Também trabalhou no Banco do Brasil, no FUNDEC – Fundo de Desenvolvimento Comunitário. Hoje, aposentado, se dedica a pesquisas na área da navegação do médio São Francisco.

«É importante ressaltar que essa nova tecnologia ocasionou a adaptação das barcas de figura, que passaram a utilizar duas velas, tornando-se embarcações híbridas. É fácil perceber as razões da mudança. As canoas de tolda empregavam apenas três tripulantes, já as antigas "emas" (apelido das barcas de figura) utilizavam mão de obra em grande escala, variando a tripulação de acordo com as medidas da barca. A mudança de tecnologia implicava menor despesa com a contratação de pessoal. O sergipano Fernando Santana dizia-nos que, depois de viajar uma única vez nas canoas de tolda, os remeiros evitavam contratos em barcas de figura. É fácil perceber o porquê dessa preferência. Trabalhava-se com remos e varas nas "emas", o que significava grande esforço físico, jornadas extenuantes, ferimentos no peito provocados pelo instrumento de trabalho, etc.».

«Dentre os sergipanos que migraram para o Rio de Cima, havia também pescadores. Como o Sr. Manoel da Rocha Lima, um pescador de Januária

Foto: Marc Gauthenot - Instituto Moreira Salles

Barca de figura do Médio São Francisco: vencida pela tolda

de reconhecida competência naquela sub-região (Januária, rio Pandeiros etc.). Os pescadores nativos admiravam sua habilidade; dizia-se até que ele "tinha pauta" com a Mãe d'Água, com o Caboclo d'Água, etc. Esta informação serve para caracterizar a amplitude das imigrações de Sergipe para o Rio de Cima».

« Além do surgimento de embarcações híbridas, já mencionadas, a carpintaria naval passou por mudanças mais substanciais. Em Santa Maria da Vitória, por exemplo, o ESTALEIRO DO TAMARINDO DE CIMA passou a fabricar canoas de tolda, imitando as originais, que haviam sido transportadas do Rio de Baixo. Mestres carpinteiros do Baixo São Francisco chegaram a Santa Maria, cuja região era rica em madeiras apropriadas para construção naval. O Sr. Ermi Ferrari Magalhães mencionou a verdadeira epopéia que foi o transporte de algumas canoas do Rio de Baixo para o Rio de Cima. A "Iracema", por exemplo, foi transportada com grande dificuldade».

Foto: Marc Gautherot - Instituto Moreira Salles

várias barcas de figuram foram transformadas em «canoas de tolda» para resistir às sergipanas

«Quantas foram as canoas que navegaram no médio São Francisco? Não temos informações sobre a quantidade de canoas sergipanas do Rio de Cima. Não sei se será possível levantar esses números. Durante algum tempo, a Capitania dos Portos em Juazeiro manteve uma relação das barcas que faziam o comércio ambulante e o transporte a frete no Médio São Francisco. Mas, como no Brasil não havia uma tradição de conservação de arquivos, possivelmente esses dados se perderam».

«Em seguida, com a introdução das "barcas motorizadas"com motores "Bolinder's", desapareceram definitivamente as barcas de figura. A primeira barca a motor foi a "Aragipe", construída pelo sergipano Manoel Vieira da Rocha. O melhor trecho do Médio São Francisco para navegação a vela é o trecho entre Barra e Juazeiro. Mas, eventualmente, podia faltar vento até mesmo nesse percurso. Acima de Barra, os ventos são mais inconstantes, menos regulares. A introdução das "barcas motorizadas" tornou possível a navegação em todo o curso médio do rio, de Pirapora a Juazeiro, incluindo os afluentes Corrente, Grande e, até mesmo, outros com condições de navegabilidade mais limitadas como o Paracatu, o Urucuia. As barcas a motor chegavam também ao Rio Preto, afluente do Rio Grande. Assim, acredito, as canoas de tolda caíram em desuso. As "barcas motorizadas" ofereciam uma tecnologia de navegação mais avançada, alcançando portos comerciais que não eram visitados pelas "canoas sergipanas".

« Certamente, as "canoas sergipanas" estão na memória dos ribeirinhos do Médio São Francisco. Eram mais ágeis, eram admiradas: "eram mais bonitas" – dizia-se. Na cultura regional ressaltavam-se essas e outras qualidades das canoas de tolda. Velhos remeiros nos disseram que, enquanto sofriam para impulsionar as barcas de figura com seus remos e varas (como nas "pontas d'água"), as "sergipanas" passavam com velas enfunadas, sumindo no horizonte»

Veja mais imagens de Marc Gautherot em:
http://acervos.ims.uol.com.br

E o povo chorava, quando as canoas passavam por aqui, na carreta, que nem um caixão, indo para o rio de cima...

Assim falava Da. Santinha, esposa de S. Jonas, irmão de S. Zé da Goiana, dupla famosa de pilotos de canoas de tolda, de Pão de Açúcar. Muitas canoas foram embarcadas em carretas, em Pão de Açúcar e, via rodoviária, subiam para riba das cachoeiras, onde voltavam a navegar nas águas do São Francisco.

Uma outra forma, era o transporte via ferroviária, a partir de Piranhas. Mas também não era fácil, como conta S. Aurélio de Janjão. «a canoa de papai subiu daqui mesmo. Foi tirada da água para terra, e colocada numa carreta do trem, que puxou-la até lá para cima...foi um sufoco...»

Canoas grandes, para poderem passar na ponte do rio Moxotó, eram desmontadas em dois pedaços. As peças (a embonação do costado) eram desaparafusadas, perto de meia-nau, assim como os colos e o fundo. A canoa ficava «dividida ao meio», cada metade numa carreta. Ao chegar ao rio de cima, era remontada pelos mestres, as costuras recebiam novo calafeto e a bicha voltava para água. Correr novas carreiras até Januária, Bom Jesus da Lapa, Barra, Barreiras, para onde desse certo, enquanto se tivesse força.

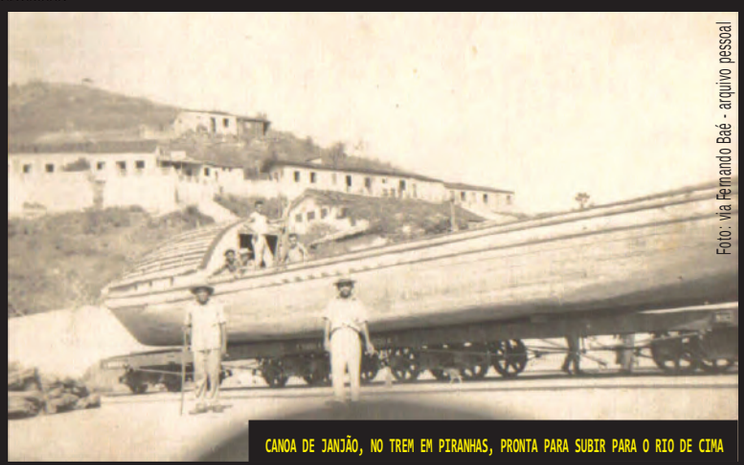

Foto: Via Fernando Baê - arquivo pessoal

CANOA DE JANJÃO, NO TREM EM PIRANHAS, PRONTA PARA SUBIR PARA O RIO DE CIMA

A canoa Luzitânia sobe para os calços: é hora de um trato

Pelo Projeto Luzitânia, aprovado pelo MinC - Ministério da Cultura, manutenção geral e conservação

Foto: Carlos Eduardo Ribeiro Jr./acervo Canoa de Tolda

Um ano após a última grande manutenção da Luzitânia (para as filmagens do documentário De Barra a Barra), a canoa sai da água para uma grande revisão geral. Nesta subida para terra - na verdade, para os calços da balsa Estrela Guia, de nosso colega Zé da Balsa, de Piaçabuçu - o casco será completamente revisado, danos provocados por impactos serão reparados e a pintura do fundo será refeita. O mesmo acontecerá com toda a pintura externa de casco, convés, tolda, moitões e mastreação. Na parte interna, a pintura ainda está em ótimas condições. Apenas retoques que forem necessários serão realizados.

Também está prevista a construção de novas vergas, pois as originais já estão se mostrando fatigadas, colocando em risco a navegação. Algumas poucas ferragens serão substituídas, pois apresentam sinais de corrosão, como as barras de reforço da saia do leme.

Para melhorarmos as condições a bordo, um banheiro (desmontável, que não modifica as características da Luzitânia, sendo ela um bem tombado pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) químico será instalado. Não haverá qualquer dejeto jogado às águas do rio.

A canoa ganha, ainda, um jogo novo de traquetes, toldão e lonas de proteção. Ela é muito preciosa.

Estas obras ainda serão feitas com recursos do Projeto Luzitânia, aprovado pelo MinC - Ministério da Cultura, através da Lei Rouanet, e têm a previsão de duração de vinte dias.

Agora, pense como este jornal chega até aí!

SEGUNDA PARTE

Texto: CARLOS EDUARDO RIBEIRO JR. Fotoreportagem de: DAIANE FAUSTO DOS SANTOS e VAGNER AUGUSTO LIMA Fotos de apoio: CARLOS EDUARDO RIBEIRO JR.

DE PÃO DE AÇÚCAR, PARA NITERÓI, SERGIPE, BOTAR UMA SENHORA QUE PEDIU UMA TRAVESSIA. JÁ DEIXAMOS AVISADO NOSSO COLABORADOR LOCAL, O JACKSON, QUE PASSAREMOS EM DOIS DIAS COM OS JORNAIS.

NO PAU FERRO, ENCONTRO COM O PESSOAL DA UFAL, EM PESQUISA, NA LANCHA SERIGY.

UMA PARADA RÁPIDA NO MATO DA ONÇA, PARA AVISAR QUE JÁ ESTAMOS EM CASA, E TER AS ÚLTIMAS NOTÍCIAS. TEMOS QUE SUBIR PARA PIRANHAS E PASSAR PELAS PEDRAS ANTES DA NOITE.

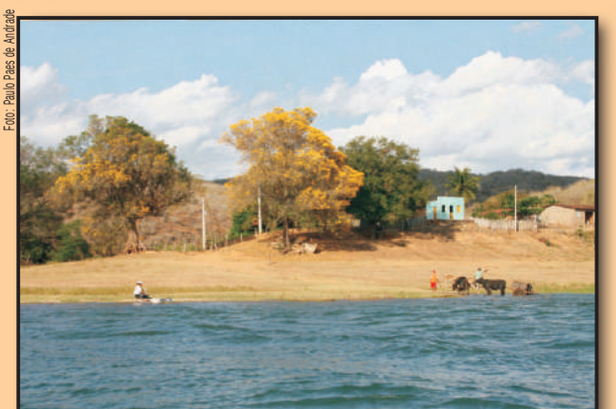

Foto: Paulo Paes de Andrade

E VEM O PANTALEÃO ONDE MORA GENTE CONHECIDA. AS CRAIBEIRAS CHEIAS DE FLOR, ERA A ÉPOCA DAS TUBARANAS. COISA LONGE, ISSO, JÁ DEIXADA.

A NOITE NÃO TARDA, É PRECISO PASSAR PELAS PEDRAS LOGO. MAS, NO ANGICO, UMA PARADINHA LIGEIRA PARA DEIXAR JORNAIS.

E,JÁ NA BOQUINHA DA NOITE, PIRANHAS VELHA, ONDE DORMIREMOS PARA DESCER JÁ NA MANHÃ SEGUINTE. O ROJÃO NÃO PARA.

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO